



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7450 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 14 - Sociologia da Educação e Filosofia da Educação

A O SENTIDO DO TRABALHO NA UNIVERSIDADE

Ged Guimarães - UFG - Universidade Federal de Goiás

A O SENTIDO DO TRABALHO NA UNIVERSIDADE

INTODUÇÃO

Se pudéssemos separar o trabalho das atuais relações sociais que vivemos no capitalismo poderíamos dizer que todo ele é coletivo, porque a existência de todos os homens é de natureza social ou política, conforme Aristóteles (1998 p. 1253a). Como essa separação é impossível, e o nosso ponto de partida pressupõe que na sociedade capitalista há um modo de pensar e agir individualista, então se interroga: É possível uma universidade sem o trabalho coletivo? Para pôr essas questões em debate, inicialmente demonstra-se como compreendemos a sociedade instituída, cuja vontade individual tende a prevalecer, levando a que o sentido coletivo da existência seja minimizado e quase reduzindo a vida social a uma espécie de ajuntamento de indivíduos. Afirmamos que sob essa *sociedade* opera-se a impessoalidade nas relações sociais e que formar o homem é formar o profissional para ocupar postos de trabalho. Ou seja, a educação tem se reduzido, quase tão somente, à preparação de pessoas para as funções que a *sociedade* – compreendida como mercado – requer imediatamente às escolas ou à universidade.

Afirmamos, em seguida, que a universidade é um projeto, e não algo pronto, como um lugar onde somente se ensina a operar o instituído, a exemplo do processo de produção em uma empresa que, mesmo quando cria, modifica e até revoluciona, é para servir ao mercado. Concluimos afirmando que se ela se reduz a isso a vida acadêmica perde a sua dimensão

universitas (LE GOFF, 1993, p. 64 – 69), aproximando-se da operacionalidade própria das empresas. Enquanto para elas a formação do profissional é mesmo necessária, a universidade deveria pensar, talvez primeiramente, em como fazer para que o homem se eleve como ser político, não se esquecendo de que antes de ser engenheiro, professor, médico ou um especialista em tecnologias da informação, é um homem que vive em sociedade, contraponto ao ajuntamento de indivíduos.

PROBLEMA

Debord, *apud* Jappe (2008, p. 18), afirma que a sociedade capitalista como se estrutura atualmente opera sob dois princípios: “a renovação tecnológica incessante e a fusão econômico-estatal”. O primeiro está fundado na unidade entre proprietários dos meios de produção e de trabalhadores em busca de dinheiro ou o seu dobro. Ambos procuram crescer economicamente, uma necessidade básica de qualquer um que vive nessa sociedade, não obstante a maioria do povo viver em busca das mínimas condições de existência.

Nessa sociedade nada é pessoal, nada é permanentemente fixo, nada é constantemente direto. “O capitalista, o trabalhador assalariado e o proprietário de terra são possuidores de mercadorias, formalmente independentes um do outro”. (RUBIN, 1980, p. 33). O modo como atualmente está constituída as relações de produção, até os lugares onde se produzem as mercadorias tornaram-se indefinidos, pois elas são fabricadas em diversos lugares como componentes. Quem produz pode não sabe o que está sendo produzido, onde será vendido e nem o valor, resultado do seu trabalho. De modo não muito diferente está também aquele que manda produzir. No fim, ambos estão enleados pela natureza *invisível do mercado*, mas desejando que o valor em forma de salário ou na forma de lucros em milhões caia em suas contas.

Então, se a formação está estabelecida quase inteiramente conforme as exigências do mercado, deixar de interrogá-la não corresponde à natureza da Universidade. Assim, defendemos que a formação não requer a preposição *para*, porque não deveria haver o exterior, como a profissão, ou mercado, mas a realização da finalidade da Universidade. Ou seja, formar só faz sentido se trazer o princípio da elevação social do homem porque a sua natureza é política, mesmo quando se propõe a formar o profissional.

DESENVOLVIMENTO

Na forma contratual e por meio de seus prepostos, os proprietários dos meios de produção se encontram com os trabalhadores, e ao mesmo tempo os confrontam. Um compra a força de trabalho – ou a disposição sobre ela – e o outro a vende conforme as necessidades e as circunstâncias. Essa relação entre eles é de indivíduos isolados. Um possui os meios de produção – terra, fábrica, etc. –, e o outro detém a força de trabalho – única propriedade.

A finalidade de ambos é prosperar. O capitalista, crescer enquanto capitalista; o trabalhador, talvez encontrar um emprego e garantir-se nele, talvez “crescer na firma”, talvez tornar-se um patrão. Ambos transformam os seus *nervos, músculos e energia espiritual* em mercadoria a ser vendida no mercado e conforme o mercado. A vida fica reduzida a isso, ou

seja, ambos se deixam conduzir pelo valor na forma dinheiro que acaba se constituindo, como afirma Marx (2011, p. 167) “em pulsão de todos [porque] cada um quer produzir dinheiro”, única forma de sobreviver na sociedade capitalista, seja ele um patrão, seja ele um empregado.

Se a finalidade é essa, produzir valor em sua materialidade o dinheiro, então qualquer coisa que se lhe interponha deve ser modificada ou eliminada. Se há leis que estabeleçam a ação livre do capital, ele impõe a flexibilização ou a eliminação; se há governos que resistem aos seus interesses diretos, ele torna um democrata em ditador, corrupto e, se necessário o elimina como inimigo da humanidade; se há tradições morais, ele as modifica em seu favor; se há religiões ou crenças dizendo que o dinheiro não é o Deus, então a força do dinheiro afirma serem os fanáticos, verdadeiros representantes do mal, que devem ser varrido para o bem de todos; se há um Estado que protege a todos, cumprindo a sua finalidade original, qual seja, cuidar e promover o bem comum, então ele manda os seus agentes diretos e indiretos dizer a todos que somente quem tem o dinheiro, porque soube ganhá-lo e valorizá-lo, possui as condições para promover o *bem*. Segundo Marx (2011 p. 167), “Só desse modo a mania de enriquecimento universal pode devir a fonte da riqueza universal que se reproduz de maneira contínua”. Para os capitalistas, só eles sabem o que é bom para o povo, só eles sabem como o Estado deve agir.

Ao pôr em primeiro plano a busca pela valorização constante do capital, secundariza-se o interesse público, que só compõe o processo produtivo nessa sociedade como *disjecta membra*. Ou seja, somente os interesses individuais em busca da maior vantagem possível compõem a coesão social. Ora, se assim é, então essa sociedade é constituída de laços frágeis que orbitam sem regularidade a *mão invisível*, correndo o risco permanente de colisão de indivíduos, às vezes agrupados em associações ou partidos, cuja finalidade é sair dessa rota e assumir o lugar da *mão invisível*, o que não seria outra coisa senão capturá-la e dominá-la.

O que temos nessa sociedade são indivíduos, o que torna a própria palavra, sociedade, um vocábulo vazio de significado humano. Nela, o homem talvez tenha sido reduzido a uma condição pior que a de muitos outros animais agrupados, como os lobos ou os carneiros, pois enquanto eles obedecem instintivamente àqueles que conquistam a condição de comando e por isso há ordem, os homens, tendo minimizado a importância da vida social, condição para a humanização, o outro se tornou alguém, ou *ninguém*, com quem se pode fazer *um bom negócio*. Tal como Ulisses era *ninguém* para Polifemo (Cf. HOMERO, 2003, p. 114 – 227), ou seja, apenas mais um a ser devorado hoje ou amanhã, a depender da sua sorte ou do azar, o capital devora os indivíduos, ou melhor, ela manda que seus agentes, diretos ou indiretos, retirem desses indivíduos o que ainda lhes resta enquanto o sangue pulsa, mesmo que seja de uns dentre os bilionários ou de alguns de seus prepostos.

CONCLUSÕES

Se a *natureza do homem o compele a se associar*, minimizar essa importância, ou seja, deixá-la como substrato, parece não ser uma conduta correspondente à formação escolar ou universitária. E se a formação em todos os níveis tem negligenciado essa parte, indubitavelmente fundamental, podemos dizer que estamos formando para quase nada, porque a todo instante as relações sociais no capitalismo tornam obsoletas as profissões e por decorrência os seus profissionais, além de dispensá-los aceleradamente, mesmo enquanto são úteis, isto é, enquanto ainda são necessários para o *funcionamento* das máquinas.

Ao invés de nos ocupar tão somente em formar os profissionais nas várias esferas do conhecimento tendo em vista as profissões postas pelo mercado, devemos formar conforme a necessidade da vida social, ou seja, buscando fazê-los melhores para a sociedade ser melhor. Formaríamos músicos, pintores, químicos, engenheiros, professores ou médicos, não no sentido atomizado, isolado como a sociedade atual os requer, mas conforme as necessidades da vida social.

Essa tarefa, por assim dizer, não é nada fácil de ser empreendida, pois, como afirma Marx, na sociedade capitalista tudo é reduzido à mercadoria, e o dinheiro, seu valor equivalente, ganhou o poder *inversor*. Ou seja, o dinheiro transforma “as forças efetivas, essenciais, humanas e naturais em puras representações abstratas e, por isso em imperfeições” (1987, p. 197). Como poder inversor, ele faz das representações a realidade. “Enquanto conceito existente e ativo do valor, [o dinheiro] confunde e troca todas as coisas, então ele é a confusão e a troca gerais de todas as coisas, isto é, o mundo invertido, a confusão e a troca de todas as qualidades humanas e naturais” (MARX, 1987, p. 198).

Contrário a essa redução da vida a uma coisa em busca do dinheiro, Marx nos diz: “Se se pressupõe o homem como homem e sua relação com o mundo como uma relação humana, só se pode trocar amor por amor, confiança por confiança, etc.” (MARX, 1987, p. 198).

Se os “laços sociais” que constroem a elevação da vida humana estão quebrados, há que se buscar em nosso cotidiano de educadores e considerando as respectivas áreas de conhecimento, um modo de pôr em nossas aulas aquela parte adormecida que constitui os estatutos das escolas e das universidades, qual seja, a formação humana.

Palavras-Chave: *Sentido do trabalho. Universidade. Formação.*

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *A política*. Trad. de Antônio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Veja, 1998.

GRAVES, Robert. *Mitos Gregos*. São Paulo: Editora Madras, 2004.

HOMERO. *Odisséia*. Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

MARX, Karl. *Grundrisse*. Trad. de Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. De José Carlos Bruni, José Arthur Giannotti e Edgard Malaogodi. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

RUBIN, Isaak Illich. *A teoria marxista do valor*. Trad. de José Bonifácio de S. Amaral Filho. São Paulo: Brasiliense, 1980.

